



## **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**

### **DECADÊNCIAS SOLIDÁRIAS**

Publicado no site em 18/09/2014

Blau Souza

Houve tempo em que só no Brasil se fazia mais transplantes de coração do que em Cuba na América Latina. E Fidel Castro se orgulhava dos contatos que mantinha com os transplantados e suas famílias. Isso ocorria quando a União Soviética irrigava a economia da ilha, que era apresentada como modelo para o mundo. Médicos brasileiros visitavam Cuba e voltavam entusiasmados com a face que lhes era apresentada e que reforçava ideologia e conhecimentos médicos. Mas esse tempo acabou quando houve o desmembramento da União Soviética e faltaram recursos para manter o paraíso. Isso custou o empobrecimento e a decadência de gerações de cubanos. Os níveis de excelência da medicina cubana foram para o brejo, deixando como resto certa empáfia e a necessidade de manter a tradição alcançada em saúde pública. Sem dinheiro, aos transplantados cabia morrer por falta de controle dos surtos de rejeição, da mesma forma como desapareciam os aidéticos abandonados à própria sorte em ilhota de isolamento e morte. Tornava-se cada vez mais difícil receber médicos visitantes e convencê-los da excelência da medicina cubana, embora continuassem as soluções alternativas de valor no mínimo questionável e que sempre foram abundantes na ilha.

Chegou o momento em que a exportação de mão de obra especializada, aceita e estimulada por nações governadas por amigos de Cuba e de seu regime, passou a ser vital para a economia e bem estar da pátria comunizada e empobrecida. Constituições de países, tradição diplomática e normas internacionais sobre trabalho passaram a ser letra morta perante a vontade

de nomenclaturas sul-americanas despreparadas, corruptas e sempre prontas a auxiliar Fidel Castro e seus sucessores. A ilha passou a exportar médicos, cujos salários passaram a ser parcialmente embolsados pelo governo cubano. Colegas cubanos, prostituídos no exercício de uma profissão tão nobre, são impotentes diante da ação de gigolôs e proxenetas governamentais.

É conhecida a má vontade do nosso governo com os médicos e com a medicina no Brasil. A falta de compromissos e de recursos, a busca de médicos no exterior e a criação descuidada de novas faculdades de medicina são apenas partes de um todo a comprovar o despreparo do governo na área da saúde e da assistência médica. Tenho traçado comparações ao longo do tempo entre os governos e o comportamento do PT e o do antigo PRR de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Comportamento autoritário, desconsideração pelas oposições e a vontade de manter-se no poder a qualquer preço são pontos em comum. E no trato com os médicos a coisa é mais complicada... A medicina ocupava posição secundária entre as ciências no positivismo comptiano e a liberdade do exercício profissional igualava por baixo os doutores com ou sem formação acadêmica no Rio Grande da República Velha. Quase desapareceu a Faculdade de Medicina de Sarmiento Leite, a terceira a surgir no Brasil e a primeira na República, tais as dificuldades criadas para seu funcionamento; enquanto os alunos da Escola Médico-Cirúrgica, que formava médicos, dentistas e farmacêuticos em três anos, utilizava o Hospital da Brigada Militar como hospital escola, num favorecimento sempre negado pelos mentores da liberdade de profissão e de culto e que não admitiam auxílios oficiais para formar doutores. Só a partir de 1932 voltou a ser exigido o diploma de médico para exercer a profissão no Rio Grande do Sul e houve o fechamento da Médico-Cirúrgica.

No momento em que encerro o exercício da medicina, esperava que houvesse mais estrutura e mais recursos, independentemente de governos e de ideologias, para assistir melhor os brasileiros. Como otimista incorrigível, espero que a história e as conquistas da medicina brasileira e da gaúcha sirvam de base para que os médicos não desacorçoem, prossigam buscando a excelência no exercício da profissão e que jamais desapareçam os pacientes, que continuam sofredos e desassistidos. Desejo que pacientes, médicos brasileiros, médicos cubanos e de outras nações compreendam a artificialidade do momento atual e saibam superá-lo com humanismo e ética.